

Espetacularização cúltica ante o Deus da brisa suave: o ser humano efêmero em busca do Eterno

FÁBIO AUGUSTO DARIUS¹

Resumo: De acordo com a expressão do escritor francês Guy Debord, o ser humano hodierno vive na sociedade do espetáculo, um simulacro de falso eterno presente – artificial e visceral – onde a existência dissoluta se agiganta em face da original e esquecida essência humana legada sem intermediário pelo abscondito Deus. Diante dessa triste constatação sociológica e filosófica ocidental – atestada por Zygmunt Bauman, Gilles Lipovetsky e Gianni Vattimo, dentre tantos outros – continua o ser humano a viver entre as tensões e divisões já atestadas pelo Apóstolo dos Gentios nos primórdios do cristianismo. Nesse sentido, em grande medida o narcisismo idolátrico e consumista refreia e quase mata o próprio amor. A religião de Cristo mostra que é o Amor - o próprio Deus - e não o homem, a medida de todas as coisas, sendo Ele mesmo o distribuidor e recolhedor dos dons espirituais que deveriam infundir bênçãos não apenas à igreja, mas a toda a comunidade. A presente comunicação visa abordar essa difícil dialética encetada desde o título a partir da leitura histórica da contemporaneidade permeada por questionamentos bíblicos selecionados com o intuito de discutir possibilidades de vínculos entre o culto apresentado pelo ser humano e o aceitável por Deus.

Palavras-chave: Espetáculo; pós-modernidade; conhecimento.

Service spectacularization before the God of the gentle breeze: the ephemeral human be- ing in search of the Eternal

Abstract: According to the expression of the French writer Guy Debord, the contemporary human being lives in the spectacle society, a present eternal fake simulacrum – artificial and visceral – where the dissolute existence grows in face of the original and forgotten human essence

.....
¹ Doutor em Teologia pela Faculdade EST, Brasil (2014), Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo.



inherited without intermediation by the hidden God. Facing this sad Western sociological and philosophical finding – attested by Zygmunt Bauman, Gilles Lipovetsky and Gianni Vattimo, among many others – the human being continues to live among tensions and divisions already attested by the Apostle of the Gentiles in the beginning of Christianity. In this regard, to a great extent the idolatrous and consumerist narcissism curbs and almost kills love itself. Christ's religion shows that it is Love – God Himself – not the man, the measure of all things, being Himself the distributor and collector of the spiritual gifts that should infuse blessings not only to the church, but to the whole community. The present communication aims to approach this difficult dialectic initiated since the title from the historical reading of contemporaneity permeated through biblical questions selected with the purpose of discussing possibilities of bonds between the service presented by the human being and the acceptable by God.

Keywords: Spectacle; post-modernity; knowledge.

Perguntas da pós-modernidade

Nossa sociedade “totalmente esclarecida” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19) ainda tem o seu povo destruído “porque lhe falta o conhecimento” (Os 4:6)? Ou a dureza das palavras do filho de Beerli nascido 800 anos antes de Cristo foi finalmente suplantada pelas glórias do progresso e da racionalidade² proferidas pelos pensadores da escola de Frankfurt? Ou ainda: é possível comparar dois protagonistas de mundos tão diferentes? De que conhecimento estamos falando, afinal?

Miríades de perguntas povoam a mente dos pós-modernos³ que experienciam uma espécie de fim da história. Certamente esse alegado “fim da história” não se refere ao já “desculpado” estadunidense Francis Fukuyama – que no afã de pensar um novo mundo sem a existência da União Soviética, não percebeu as novas matizes para o qual o mundo poderia se encaminhar – mas sim a uma construção vivencial muito mais etérea, visto que, de acordo com Vattimo (2002):

O que, ao contrário, caracteriza o fim da história na experiência pós-moderna é que, enquanto na teoria a noção de historicidade se torna cada vez mais problemática, na prática historiográfica e em sua autoconsciência metodológica a ideia de uma história como processo unitário se dissolve, instaurando-se, na existência concreta, condições efetivas (não apenas a ameaça da catástrofe atômica, mas também e sobretudo a técnica e o sistema de informação) que lhe conferem uma espécie de imobilidade realmente não histórica.

Essa história, enquanto processo unitário que se dissolve, mostra-se paradoxal visto que hoje o ser humano goza pseudoliberalidades impensáveis em qualquer outra época de nossa civi-

.....

² A sociedade “totalmente esclarecida” proposta pelos citados filósofos não passa de uma crítica à razão instrumental, onde o ser humano simplesmente possui domínio racional sobre a natureza. Observando a situação a partir desta perspectiva, esse esclarecimento iluminista não parece tão glorioso quanto no corpo do texto, mas ainda assim trata-se de uma verdadeira revolução em relação ao tempo de Oséias.

³ O filósofo de Grenoble prefere chamar de Hipermodernidade (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004) em íntima relação com o hipertexto que aparentemente nunca tem fim, em uma sucessão de cada vez mais perguntas que geram o acúmulo de informações e proporcionam a praticamente impossibilidade de esvaziamento do ser.



lização, ao mesmo tempo que percebe sua própria pequenez diante dos pretensos avanços “conquistados” em sua própria geração. Assim, o homem e a mulher pós-modernos, embora mais fortes e, aparentemente, mais seguros de si e de suas próprias existências individuais que seus predecessores de qualquer época, são também os mais fracos e autodestrutivos.

Seu grande intelecto o levou a promover a fissão nuclear e conseqüentemente a bomba atômica. A construção dessa bomba, o ápice do desenvolvimento técnico, em algum momento não tão distante da história, revelou um retrato flagrantemente triste desse artífice de sua própria morte: finalmente desvendando o conhecimento profundo do bem e o mal, lá estava ele, o homem, nu, procurando refúgio – não apenas de Deus, mas dele mesmo, ao se encarcerar em um bunker firmemente construído para suportar os efeitos de sua própria criação⁴.

A geração dos anos 40, que desenvolveu e detonou com “sucesso” a primeira bomba atômica, foi precisamente a que, em sua juventude devastada pelos horrores de uma guerra mundial não vista até então, paulatinamente trocou a Bíblia por aquele que – de acordo com Habermas, Vattimo, Tillich e outros, como um profeta às avessas – anunciou e descreveu nossos tempos pós-modernos: Friedrich Nietzsche. Embora muitos e plurais sejam os conceitos e exemplos de pós-modernidade, quase todos encontraram em Nietzsche, se não seu “fundador”, seu profeta. Isso se dá precisamente na passagem do século 19 para o 20, naquele particular período em que nasce o breve século 20, nas palavras de Eric Hobsbwan. Segundo Tillich, que foi absorvido pelo filósofo após a batalha de Champagne, em 1915:

Lembro-me que sentava entre as árvores das florestas francesas e lia “Assim Falou Zaratustra”, de Nietzsche, como faziam muitos outros soldados alemães, em contínuo estado de exaltação. Tratava-se da liberação definitiva da heteronomia. O niilismo europeu desfraldava o dito profético de Nietzsche, ‘Deus está morto’. Pois bem, o conceito tradicional de Deus estava morto mesmo (TILICH, 2009, p. 10).

Assim, o século 20 foi inaugurado com uma demonstração irracional de poder tal, que subjugou a própria existência ao aniquilar milhares de seres humanos a cada dia, durante quatro anos, em uma guerra fratricida. Com isso, “a história que, na visão cristã, se apresentava como história da salvação, tornou-se, primeiramente, busca de uma condição de perfeição intramundana” (VATTIMO, 2002, p. XIII) para que finalmente se tornasse história de progresso (que por si só é história vazia, visto que sua obtenção tão somente possibilita novas possibilidades desse mesmo progresso que se tornará obsoleto quase que no mesmo momento em que for lançado).

Dessa forma, a “secularização se torna também a dissolução da própria noção de progresso” (VATTIMO, 2002, p. XIII), do ponto de vista judaico-cristão, o que, apenas algumas décadas depois, levaria o ser humano a viver naquilo que Lipovetsky chamou de “sociedade do vazio”. É claro que a chamada “perfeição intramundana” nada tem a ver com a santificação do ponto de vista cristão. É apenas uma espécie de eufemismo ou tentativa vã de criar novas coisas com o intuito de consertar o estrago que as coisas anteriores proporcionaram, em uma busca sem fim, produzindo sociedades hiperconsumistas, hiperliberais e pós-moralistas (LIPOVETSKY, 2004), bem como o esgotamento dos recursos naturais.

.....
⁴ Quem magistralmente escreve a esse respeito é Pierre Teilhard de Chardin em: (CHARDIN, 1964, p. 140-149).



Sob um novo prisma histórico, pela perspectiva de Nietzsche, em que o cristianismo é eclipsado, a própria moral judaico-cristã e sua busca endemonológica torna-se aparentemente secundária, visto que, por estranho que seja, o inevitável progresso trará a felicidade. Nesse ponto o aludido filósofo destrói as bases da sociedade ocidental com sua pesada marreta:

A moral já não é mais um reflexo das condições que promovem vida sã e o crescimento de um povo; não é mais um instinto vital primário; em vez disso se tornou algo abstrato e oposto à vida – uma perversão dos fundamentos da fantasia, um “olhar maligno” contra todas as coisas. Que é a moral judaica? Que é a moral cristã? A sorte despida de sua inocência; a infelicidade contaminada com a idéia de “pecado”; o bem-estar considerado como um perigo, como uma “tentação”; um desarranjo fisiológico causado pelo veneno do remorso (NIETZSCHE, 2012, p. 27).⁵

Nesse processo sem volta, escreve Habermas sobre Nietzsche como ponto de inflexão na entrada da pós-modernidade ao afirmar que “as forças religiosas de integração social debilitaram-se em virtude de um processo de esclarecimento que, na medida em que não foi produzido arbitrariamente, tampouco pode ser cancelado.” (HABERMAS, 2000, p. 122) Contudo, a religião institucionalizada sobreviveu a esta mudança de paradigma, ainda que tenha se submetido ao establishment.

A “espetacular” igreja pós-moderna e suas contradições

No auge das convulsões populares francesas, conhecidas simplesmente como Maio de 1968, dois pensadores foram catapultados para o inflamado centro nervoso do movimento estudantil. Um deles foi Jean-Paul Sartre, que, aparentemente assustado com a proporção daquilo tudo, ficou na retaguarda; o outro, um certo escritor chamado Guy Debord, o qual, embora tenha escrito um clássico sobre a sociedade que vive de um espetáculo para outro, era avesso a essa estrutura circense e ironicamente foi alvo de um filme documentário apenas após sua morte.

Para Debord, “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p. 13). Essa espetacularização da própria existência humana, uma irrefreável busca pelo conforto proporcionado por aquilo que está longe da realidade, se dá no instante em que o ser humano percebe-se frustrado por ter trocado a possibilidade de salvação pelo progresso. Quando encontra-se perdido em si mesmo e no mundo.

Para espantar um pouco a tristeza vivencial, as pessoas se agarram às experiências, que evidentemente são quase sempre adquiridas via dinheiro – pois está incutido de forma inadvertida o falacioso adágio que diz que “dinheiro traz felicidade”. Solitário, alguém vai ao cinema e volta vazio para a sua casa, sem perceber que passou todo o tempo do filme sozinho, ainda que com outras duzentas pessoas.

.....
⁵ Concorde com ele Gilles Lipovetsky ao afirmar que “na época anterior às Luzes, reinava a ideia de que, sem o Evangelho e a crença num Deus punidor dos erros e recompensador da virtude, nada podia impedir o homem de enveredar pela vida de crimes. Privadas de religião, as virtudes são ilusórias, apenas a revelação e a fé num Deus justiceiro estão em condições de assegurar eficazmente a moralidade” (LIPOVETSKY, 2004, p. 35).



Dessa forma, comprar experiências é fugir do mundo, visto que este encontra-se desencantado, como escreveu Max Weber em seu clássico. Assim, infelizmente, para essas pessoas dinheiro traz felicidade quando compra experiências – sensações que as levam a um outro mundo. Afinal, “pós-moderno indica simplesmente um estado de alma, ou melhor, um estado de espírito” (TEIXEIRA, 2005, p. 89).

Esse reencantamento, ainda que artificial, foi o artifício encontrado por muitas denominações para, dentro de um escopo totalmente capitalista, ainda que de forma torpe, inculcar de alguma forma resquícios de evangelho.⁶ Esquece-se dessa forma a antiga espiritualidade, exemplificada aqui por Armstrong:

A melhor espiritualidade pré-moderna - de João da Cruz, Isaac Luria, Mulla Sadra, por exemplo, evitava esse excesso emocional, explicando que não tem nada a ver com religião; a viagem interior, diziam, é serena, disciplinada, complementada pela razão (ARMSTRONG, 2009, p. 477).

Tal como uma droga, na melhor rasa acepção do fraseado de Marx que diz que a “religião é o ópio do povo”, muitas denominações espetacularizam seus cultos com doses cada vez maiores e frequentes de frívolo emocionalismo, músicas cada vez mais altas e sermões mais rasos e curtos – como a televisão e a internet, que também têm o poder de tirar a concentração ao apresentar pouca coisa sobre muito assunto – fazendo com que o crente receba assim seu quinhão de fantasia diária.

Claro que para tal experiência existe um custo financeiro. Nesta dinâmica mercadológica hodierna, à qual homens e mulheres estão acostumados, paga-se até mesmo por experiências religiosas, esquecendo-se da riqueza da Palavra de Deus que afirma que Cristo já nos comprou por todo o seu sangue e que nós, mortais pecadores não temos a menor condição de pagar (Is 55). Contudo, quantos afinal querem realmente ser salvos e efetivamente recebidos por Cristo no paraíso? A igreja, na maioria dos casos, injeta esperanças artificiais para que os seres humanos continuem acreditando na falsa ideia de progresso terrestre.

O ser humano: o verdadeiro espetáculo

O ser humano como um todo – corpo e espírito – criado à imagem e semelhança de Deus, é por si mesmo “um espetáculo ao mundo, tanto a anjos como a homens” (WHITE, 1985, p. 75). Este espetáculo não é falso e artificial, mas transcende o próprio mundo e encontra os ternos braços do Criador. É o Amor a medida de todas as coisas – eis o verdadeiro progresso.

É puramente pela percepção da graça divina, algo tão difícil ante nosso mundo material, que há aproximação genuína de Deus. Só assim o culto pode ser efetivamente pleno e agradável. O culto apresentado pelo ser humano é em grande medida, em uma palavra, idolátrico, porque cultua o próprio ser humano que, imerso em si mesmo, busca a própria autossalvação pelo progresso que ele próprio, embora tenha percebido problemático, continua incessantemente a buscar.

.....

⁶ Com isso, todos os perigosos subprodutos de uma sociedade egocêntrica e individualista surgem com ainda mais ênfase nas igrejas. Conforme Armstrong: “A televisão e a admiração do público constituem armadilhas para os espiritualmente incautos. Não só o narcisismo implícito no culto da personalidade é incompatível com a transcendência do ego que deve caracterizar a busca espiritual, como o televangelista também pode se distanciar da realidade. As fortunas controladas pelas redes de maior sucesso não combinam com o desprendimento da riqueza material” (ARMSTRONG, 2009, p. 473).



Nossa sociedade, dita esclarecida, carece daquele conhecimento que já pregava Paulo nos primeiros tempos do cristianismo. Obviamente trata-se de dois conhecimentos diferentes, mas ambos necessários para a salvação total do ser humano, que nesses tempos percebeu que é dotado também de um corpo e que este é digno e instrumento a serviço de Deus e do próximo, e não tão-somente algo propenso ao pecado. A ciência da salvação deve ser a primeira das ciências. Só assim o culto será verdadeiro.

Referências

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
- CHARDIN, P. T. **The Future of Man**. Nova Iorque e Evanston: Harper & Row, 1964.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LIPOVETSKY, G. **O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- NIETZSCHE, F. **O Anticristo**. Tradução de André Cancian. São Paulo: Montecristo, 2012.
- TEIXEIRA, E. B. **Aventura pós-moderna e sua sombra**. São Paulo: Paulus, 2005.
- TILLICH, P. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- VATTIMO, G. **O fim da modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- WHITE, E. G. Spalding and Magan's Unpublished Manuscript Testimonies of Ellen G. White. Payson: Leaves-Of-Autumn, 1985.